

“MÍDIA, ESPORTE E VIOLÊNCIA:
o sonho de ser jogador de futebol profissional”¹

RESUMO

Analisei uma modalidade de *violência* imposta aos jovens inscritos nos *novos processos de formação do jogador de futebol profissional*, circunscrito à leitura dos relatos de três ex-atletas. As *subjetividades* produzidas nas relações sociais contemporâneas configuram-se como identificações estruturantes de expectativas profissionais em torno do futebol, pois este esporte capturado pela *mídia* e seus agenciadores (empresários, técnicos, dirigentes) alimentam o *sonho* do jovem obter sucesso na carreira. Nesse sentido, o nosso objetivo foi o de verificar se as *subjetividades* constituídas a partir da mediação do futebol na esfera das relações sócio-culturais são complementos da esfera do capital, ou seja, se *o capital impõe à cultura e à subjetividade sujeições para além do econômico*, gerando violências pouco visíveis ao próprio *candidato-jogador*. Com essa estratégia, argumento dentro do universo da pesquisa e diante das transformações em curso que o futebol revelou-se na relação entre *iniciante-futebol* e *atleta-expectativa de futuro* ser uma instituição promotora de *sonhos, frustrações e violências* à imensa maioria dos jovens envolvidos neste processo.

Palavras-Chaves: Futebol, Formação do Jogador de Futebol Profissional, mídia, sonho e violência.

Introdução

O futebol na atualidade consolidou-se em uma *instituição*² relevante à constituição do modo de vida de determinados jovens, quer seja na condição de praticante quer seja na condição de expectador³. Desde a chegada do futebol para o Brasil há uma forte relação entre esporte e juventude, e esse envolvimento, enquanto fenômeno sócio-cultural, traduziu-se em espaços significativos de socialização⁴. Neste processo manifesta-se o *sonho de ser jogador de futebol profissional*.⁵

* Professor de Sociologia na Universidade de Taubaté e na Faculdade de Jacareí, doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; pesquisador do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Práxis Contemporâneas (UNITAU) e do Programa de Mestrado em Educação (UNITAU).

¹ Este texto sintetiza um aspecto de minha tese de doutorado defendida na PUC/SP, em setembro de 2001.

² Entendo o futebol como uma Instituição Social, no mesmo sentido pensado por Peter L Berger e Brigitte Berger (Op. Cit.: 193/199), uma vez que este é dotado de linguagem que tem *objetivação, interpretação e justificação* da realidade, caracterizando-se por sua *exterioridade, coercibilidade, autoridade moral e historicidade*.

³ Trabalhei esta questão no livro: *Torcidas Organizadas de Futebol: violência e auto-afirmação, aspectos das novas construções sociais*. Taubaté, SP: Vogal, 1997.

⁴ A Socialização do jovem via futebol pode ser pensada em Peter L. Berger e Brigitte Berger (2000: p. 200/214). O futebol, enquanto processo de socialização ensina o atleta como ser um membro da sociedade, sendo um espaço de convivência grupal e de formação.

⁵ Trabalho a idéia de *sonho*, dentro do contexto das relações sociais contemporâneas, como sendo um desejo de realização profissional e pessoal de extremo grau de dificuldade, cuja busca não revela a dificuldade do processo em

Na atualidade, pensar os fatores de sedução na busca pelo *sonho de ser jogador de futebol profissional* requer esforços de entendimento das transformações econômicas, políticas e culturais que vêm demarcando a constituição da sociedade brasileira e mundial, conseqüentemente, exigindo outros caminhos à fórmula organizativa da *Instituição Futebol*. Em outros termos, há um deslocamento do público ao privado que impõe novos procedimentos neste processo e, no mínimo, coloca em discussão os mecanismos que despertam o interesse pela carreira, pois é na vinculação futebol-lucro que ocorre o surgimento de um movimento que possibilita o aparecimento de modalidades desconhecidas de *violência*.

Vale apontar que na sociedade contemporânea a *mídia*, enquanto veículo de comunicação de massa, caracteriza-se como um elemento de ampliação, de produção e de reprodução dos jogos resultantes das relações sociais. O *futebol*, via mídia, ao se colocar no papel de estruturador do lazer, do tempo livre e da expectativa profissional, assume condição de relevância na formação das identificações da juventude e orienta projeções pessoais e interpessoais fornecendo sentido às representações sociais. Portanto, o objetivo deste trabalho é o de analisar como o *sonho de ser jogador de futebol profissional* se transforma em *violência*, revelando os aspectos “apositivos”⁶, à juventude.

Deixo consignado que não tive interesse de desqualificar ou qualificar as transformações “modernizadoras” traçadas pelas novas gestões de administração esportiva no Brasil, muito menos fomentar um saudosismo sobre o futebol, pois o que eu proponho é avaliar os efeitos dessas transformações na formação dos futuros atletas.

Na predisposição qualitativa entrevistei três atletas, Harlei, Vinícius e Marcelo⁷ todos ex-jogadores profissionais que deram voz ao não sucesso da carreira. Portanto, os critérios à condução do texto com seus recordes e aspectos peculiares sobre a carreira desses jovens contemplam o olhar do vencido e não o olhar do vencedor. Esclareço que as entrevistas aconteceram nos vestiários, arquibancadas de estádios e campos de futebol em quatro períodos três horas em média e dias distintos. Na coleta de dados a estratégia foi deixá-los, contar suas

ser jogador de futebol profissional. De forma mais direta, este trabalho não se enquadra nas categorias de análise psicológicas.

⁶ Por *apositivos* aponto ser os aspectos desfavoráveis a realização do *sonho* do inscrito em ser jogador de futebol profissional. Ver: Carlos Alberto Máximo Pimenta *Processo de Formação do Jogador de Futebol no Brasil: Sonhos, Ilusões, Frustrações e Violências* (2001: p. 12-13).

⁷ Os jovens Harlei, Vinícius e Marcelo são os entrevistados do trabalho. A base de meus argumentos faz referência aos depoimentos concedidos durante os meses de março a junho de 2000, cuja menção desses nomes diz respeito aos dados coletados em tal período.

experiências. Houve intervenção dentro do contexto dos depoimentos, entretanto buscou-se manter em aberto os relatos.

O texto foi dividido em duas partes. Na primeira, foi dada ênfase à profissionalização da estrutura administrativa do futebol brasileiro e suas repercussões empresariais na formação e na compra e venda de jogadores. Na Segunda, foi indicado como o *esporte* colabora para despertar o *sonho de ser jogador profissional de futebol* nos jovens, promovendo relações de *frustração* e de *violência* como demonstrado nos relatos e nas experiências dos entrevistados.

I Parte – As transformações no futebol brasileiro: mídia e mercado

Ao promover comportamentos inspirando noções e valores facilmente interiorizados pelos indivíduos no decorrer de sua socialização, o futebol, sob o ponto de vista organizacional, gerencia suas estruturas de acordo com cada época determinada⁸. Nos moldes da sociedade da comunicação e midiática, o capital também orienta as transições do futebol (do modelo público/lúdico ao modelo empresarial/resultado). Pode-se dizer que a transformação em sua estrutura é um reflexo do desenho privatizante traçado pela sociedade brasileira que remete aos clubes o passaporte para a realização de grandes negócios, uma vez que eles são forçados a constituírem-se em empresas, face da Lei Pelé (Artigo 27, da Lei nº 9.615/98). Em consequência houve uma reengenharia nos clubes e nas federações.

Na prática, no final dos anos oitenta e início dos anos noventa observam-se diferentes frentes de empreendimentos, investimentos e visões aos eventos esportivos, aos clubes e às entidades que dão suporte ao futebol profissional, tornando-o mais um elemento de fortalecimento das relações capitalistas, criando em sua volta uma indústria. Como uma indústria que movimenta um sistema de comunicação, de empresariamento e de comércio forte e lucrativo, há uma supervalorização da representação social do futebol com forte influência da televisão, da mídia e do marketing. Essa lógica de comunicação soube tanto explorar a privacidade, a imagem, a trajetória e a história de vida dos jogadores famosos, como estimulou o

⁸ Norbert Elias (1992) e Eric Hobsbawm; Terence Ranger (1997), mostram a importância do esporte enquanto formador de atitudes, valores, regras, comportamentos e, também, com papel relevante no processo civilizador ocidental da Era Moderna.

⁹ Para aprofundar sobre a questão do esporte como megaevento e a televisão, bem como suas repercussões econômicas, culturais de massa e política ver Pierre Bourdieu, em especial no capítulo “*os Jogos Olímpicos*” (1997:

jovem a ter a esperança de que um dia poderá ser tão, ou mais, famoso que o atleta de mídia. Via de regra, a mídia, entendida como um conjunto de códigos e signos de linguagens escritas, faladas e televisadas que divulgam informações e vendem produtos e marcas, passa a ser um dos principais veículos de difusão do futebol. A televisão⁹, modalidade de mídia, exerce influência na imaginação da juventude. Através do sistema de *comunicação*, de *marketing* e de *construção midiática*, a *imagem* de um Ronaldinho, ou de um Romário, exerce uma força sobre os desejos do jovem que atraído pela força da imagem projeta seu *sonho*, suas *identificações*, sua *expectativa de futuro* e seu *modo de vida*, exclusivamente em torno deste projeto.

Outro elemento colabora na leitura sobre as transformações no futebol: o mercado. Em torno do futebol há um movimento empresarial que propaga seus valores e idéias. Na renovação de suas práticas, os diretores, empresários e atletas fazem de um simples jogo um negócio. Aos poucos começam a surgir inúmeras formas de pessoas jurídicas, todas elas voltadas ao lucro, sem preocupação com o bem estar dos atletas. É o caso da 5ª divisão de profissionais do Estado de São Paulo. No ano de 2000 Harlei jogava no S. C. Corinthians Paulista B¹⁰ e dizia:

“(...) o Corinthians “B” foi fundado em 1999, daqui a alguns meses vai completar 2 anos. É um time que o dono chama-se Edgar Soares, tem o pai e tem o filho que são pessoas de influência no mundo do futebol. Eles estão aí nesse segundo ano do clube tentando subir para a “B1” e justamente subindo você pode terminar em 2001 na “A2” e esse projeto é muito bom, já que o Marcelinho Carioca acertou contrato com o Corinthians e o Corinthians usa a imagem dele e o nome dele. Tenho certeza que a gente vai fazer um bom campeonato e sair muito bem. Daí para a mídia e da mídia para o sucesso”.

Harlei mostra como a *modernização*¹¹ atualiza e renova as expectativas de futuro dos jovens inscritos. Mostra como as coisas vão se estabelecendo, quem é quem nesse jogo e como

122/128), Javier Durán González, Manuel García Ferrando y Margarita Latiesa Rodriguez (1998: 205/230) e Márcia Regina da Costa et al (1999).

⁹ Para aprofundar sobre a questão do esporte como megaevento e a televisão, bem como suas repercussões econômicas, culturais de massa e política ver Pierre Bourdieu, em especial no capítulo “*os Jogos Olímpicos*” (1997: 122/128), Javier Durán González, Manuel García Ferrando y Margarita Latiesa Rodriguez (1998: 205/230) e Márcia Regina da Costa et al (1999).

¹⁰ A menção a fala de Harlei aponta que a busca pela carreira esportiva é certa e as expectativas são positivas. A título de ilustração, o S.C. Corinthians Paulista “B”, clube sem nenhuma vinculação jurídica com o S.C. Corinthians Paulista, entrou em falência e fechou suas portas e, até hoje (março de 2003), Harlei acredita que será um jogador famoso. Desempregado, ainda procura um clube para jogar profissionalmente.

¹¹ Aqui, *modernização* é subentendida como um movimento novo que contrapõe ao modelo velho ou ultrapassado de organização da instituição.

as transformações mercadológicas ganham dimensões inimagináveis, se relacionadas com a década de setenta, por exemplo. O mercado, a imagem do jogador bem sucedido e a mídia são elementos chaves para entender esse processo.

Sem a pretensão de resumir tal entendimento às questões do econômico e da mídia, sabe-se que o futebol ao se alinhar ao mercado e ao discurso dominante na mídia, indiretamente, vitalizou o *sonho* de que tudo é possível, uma vez que os argumentos em torno das transformações são sempre otimistas, aos olhos dos empresários, da mídia, dos jogadores e dos dirigentes esportivos¹². Em outras palavras, aproveitando o relato de Harlei, a formação do jogador tem sido um ponto importante de investimento de empresários e de ex-jogadores. Ex-jogadores como Careca, Rivaldo, César Sampaio, Edmar, entre muitos outros, têm investido em departamentos de futebol de clubes pequenos, através de empresas de marketing esportivo. Harlei faz uma panorâmica desse acontecimento:

“(...). A B2 é como a Taça São Paulo de Futebol Júnior que realmente estão os melhores jogadores, mas nem por isso deixa de sair craques da B2 para a 1ª divisão. Vários jogadores saíram dessa divisão e se pode ver que até os jogadores que estão exercendo a profissão estão realmente fazendo negócio na 5ª divisão que é o caso do César Sampaio e Rivaldo que estão no Guaratinguetá¹³, tem o Antonio Carlos que está no Ituano, tem o Edilson e o Vampeta no Jacareí, agora tem Marcelinho e o Edgar Soares no Corinthians B e assim vai. Os jogadores estão investindo na B2. (...). No momento é só o Palmeiras e o Corinthians que tem times na B2, mas tem vários clubes de cidades grandes que estão investindo neste campeonato que é o caso do Osasco, Jabaquara. Tem o time do Careca e o Edmar, o Campinas. É pessoal grande que está investindo”.

O investimento é volátil, instável e depende da capacidade da equipe ou do empreendimento promover rendimentos em curto prazo. A formação do jogador produziu um esquema de agenciamento, vendas e circulação de jogador altamente sofisticado que envolve desde treinadores até a cúpula diretiva das entidades organizadoras do futebol. Não é novidade

¹² Na vitalização do *sonho* ou da *ilusão* alguns aspectos são preponderantes: a projeção midiática repentina de anônimos; os benefícios da carreira bem sucedida; a importância social dada ao esporte; a reengenharia administrativa dos clubes e do agenciamento de atletas.

¹³ No Vale do Paraíba, Estado de São Paulo, quase todos as equipes tiveram seus departamentos de futebol terceirizados. O caso mais interessante foi do Guaratinguetá Esporte Clube, fundado em 17/07/1998, com fins exclusivos de viabilizar convênio com a empresa CSR – César Sampaio e Rivaldo Futebol e Marketing. A Prefeitura de Guaratinguetá, através do Projeto de Lei Executiva nº 32/99 fez a concessão por comodato, dentre outras cláusulas, do Centro Esportivo Municipal “Chico Vaz” e do Estádio Municipal “Prof. Dário Rodrigues Leite”, até perdurar o consórcio Guaratinguetá/CSR Futebol e Marketing. Hoje, essa relação não existe mais.

que inúmeros jogadores foram fabricados do dia para noite e vendidos ao exterior ou para grandes clubes do Brasil e embora nada tenha sido juridicamente confirmado, treinadores, diretores de clubes e de federações, empresários, jornalistas fazem parte desse esquema¹⁴. A mídia e o mercado têm interferência na profissionalização da estrutura organizativa do futebol, cuja base é o lucro, muitas vezes a qualquer custo.

II Parte – A. Esporte, Sonho e Violência

Até que ponto a profissionalização administrativa dos clubes impõe novas práticas de violências ao processo de formação dos jovens iniciantes? Como identificar formas não visíveis de violência nesta relação ou que sustentam à expectativa de futuro (de sucesso) na carreira esportiva? No levantamento bibliográfico e na sistematização dos dados de pesquisa sobre o processo de formação do jogador de futebol¹⁵ mostro que a possibilidade de vencer e de se manter como jogador profissional de sucesso, é mínima¹⁶. Equivale dizer que não é seguro apostar no futebol como mecanismo inquestionável de *mobilidade social* e de *acesso econômico* aos jovens que decidirem investir na busca por um lugar ao sol. O grau de dificuldade é grande. O Clube de Regatas Flamengo faz inúmeros testes para seleção de garotos. O número de garotos inscritos nos testes chega a mais de mil por ano e o índice de aprovação é de um ou dois quando se aprova. Esse índice varia nas peneiras realizadas por outros clubes, chamados grandes. O São Paulo Futebol Clube, em 1998, num teste avaliou mil e quinhentos garotos, aprovados foram apenas dois. Vinicius na ocasião em que comentava sobre sua entrevista no documentário *futebol*¹⁷, gravado durante os testes em que fazia no Clube de Regatas Flamengo, reconheceu que a realização do *sonho* é coisa para poucos:

¹⁴ Vide CPI da Nike–Futebol e a obra de Aldo Rabelo e Sílvio Torres (2001). “CBF–Nike”.

¹⁵ Ver: Carlos Alberto Máximo Pimenta. “Op. Cit.”.

¹⁶ A título de ilustração, sabe-se que mais de 80% (oitenta) dos jogadores registrados na CBF recebem, no máximo, dois salários mínimos, por mês, conforme dados de 1999 divulgados pela entidade. Apenas 5,4% (cinco, quatro) recebem acima de dez salários mínimos. Dos atletas profissionais com maiores remunerações, a mais alta era de Romário (Vasco da Gama), em torno de R\$ 450.000,00 (quatrocentos e cinquenta mil reais), e a mais baixa de Zé Maria (Cruzeiro Futebol Clube), em torno de R\$ 60.000,00 (sessenta mil reais).

¹⁷ O filme a que estou me referindo é “Futebol”, de Arthur Fontes e João Moreira Salles (1997). Tal filme, dividido em três séries, tratou na primeira delas sobre a dificuldade que o atleta tem de ser federado em um clube de futebol profissional e Vinicius, na época, fazia peneiras no C.R. Flamengo.

“(…), não que eu vivi só de ilusão. Sacrifício demais que não valeu nada, entendeu? É, porque eu não conhecia como era pensar duas vezes antes de fazer, porque eu fui lá quase um ano direto. Pensava que ia ficar no primeiro treino. Se eu visse alguém com uma cartinha levando para o treinador eu já ia desistir, já ia ver que não dava certo. Era o que o Mineiro (mineiro é uma espécie de olheiro oficial do C. R. Flamengo) falava ou você começa cedo no Flamengo com onze ou doze anos, no salão (futebol de salão) pra depois ir pro campo ou você tem que ser um ‘Ronaldinho Gaucho da vida’. Agora no momento é ele (Ronaldinho Gaucho). Porque é muito difícil (...). A pouco, sei que de mil garotos que realizaram teste, um ou dois foram aprovados”.

Para os jovens que buscam a carreira esportiva o futebol é um grande *sonho*, antes de ser uma brincadeira, um jogo, um esporte ou uma expressão corporal. Entre o *sonho* de ser Ronaldo, Rivaldo, Romário ou um craque reconhecido e a realidade da trajetória, há lutas e poucos questionam ou refletem sobre elas. Esta ausência da possibilidade de questionamento e da idéia de que o *sonho de ser jogador profissional de futebol* é de difícil acesso, não perpassam o projeto de vida dos jovens, traduzindo-se, por si, em violência. O ex-companheiro de clube de Ronaldinho no São Cristóvão, Wallace Oliveira Trajano, é exemplo de que o *insucesso* na carreira esportiva não rompe a expectativa do *sonho*. A confiança que deposita no seu futuro e no futebol inviabiliza qualquer questionamento da (ir)realidade em que aposta. Com registro de um salário mínimo (US\$ 75.00) em carteira de trabalho, Wallace não abandona a carreira com o seguinte argumento:

*“Sei que vou chegar ao topo. Ainda vou voltar a jogar com Ronaldinho em algum lugar do mundo”.*¹⁸

O distanciamento que a prática do futebol promove em relação à realidade social o indicativo de receios para recomeçar a vida num ambiente estranho as atividades que desenvolvia e a disciplina necessária à assimilação das regras de outra atividade são argumentos que se somam a tantos outros para justificar a permanência do jovem na busca pelo *sonho de ser jogador de futebol profissional*. Marcelo ao falar de sua experiência justifica:

“No começo eu senti muita dificuldade, é uma vida totalmente paralela, porque você fica no meio do esporte, no caso o futebol, e só tem aquilo na sua cabeça.

¹⁸ Dados extraídos do jornal Folha de São Paulo, de 14.02.1999, C4: 1. Na época o Real, moeda corrente no Brasil, valia um por um em relação ao Dólar americano.

Então, o seu dia-a-dia é acordar e treinar. Você pode até ir para uma escola, no caso eu estava fazendo na época colegial, mas é treinar, melhorar aquilo que você está fazendo (...) e eu só vivia futebol. Digo que nós assistíamos programas de TV que falavam somente sobre futebol e não tínhamos consciência do mundo. Para gente não importava também o que vinha de fora, os acontecimentos do mundo lá fora e, por exemplo, questões sobre cidadania, sobre direitos do outro, sobre política ou economia. Isso para gente não interessava e só quando você toma a 'borduada', cai na real, demora alguns bons anos para acordar, quando acorda (...)"

Em resposta aos estímulos da mídia, ao encantamento do jogo, à badalação, à manutenção afetiva do vínculo, à aceitação das regras de controle impostas pela estrutura administrativa-política do futebol (obediência e não permissão de rebeldias) o jovem incorpora a esperança de satisfazer, ilusoriamente, um sonho: *ser jogador de futebol famoso e bem sucedido*. No contexto, há que se considerar que no âmbito de sua reprodução cultural, a *conscientização* (no sentido político do termo) do jogador não desvenda as instâncias de *subjetividade* apositiva que legitimam o *sonho* e as relações sociais, e mesmo sofrendo *violência*, o jovem encara posteriormente seu *fracasso* esportivo como sendo um acontecimento de inabilidade e incompetência individual.

"Eu investi bons anos de minha adolescência e juventude e só não fui bem sucedido porque, talvez, eu não tenha me dedicado muito. Não me arrependo e se tivesse a oportunidade de começar eu começaria, só que desta vez eu me dedicaria mais e faria de outra forma (...)" (Vinicius).

O jovem reconhece e legitima do ponto de vista da aceitação do fracasso, as dificuldades que enfrenta na carreira, pois sabendo ou não, querendo ou não, é objeto-sujeito desse processo e aceita os mecanismos de organização comercial e de sedução que circulam em torno do futebol. Por outro lado, o futebol promete "glórias", "famas" e "compensações econômicas volumosas" àqueles poucos que conseguem obter sucesso ao privilegiarem o esporte como meio de subsistência. A complexidade em questão é que o jovem envolvido não tem, com raras exceções, facilidade em fazer outras leituras sobre a busca que envolve seu *sonho*, inviabilizando com isto outras possibilidades de inserção sócio-cultural. Pode-se dizer que a sedução do futebol

profissional e a divulgação pela mídia da vida fácil levam “*o jovem a pensar mais com as pernas do que com a cabeça*”.

II Parte – B. Esporte e Subjetividade: perspectiva teórica

Em quais construções subjetivas se sustentam as relações *futebol–sonho* de ser jogador profissional no corpo e na vida do jovem? As novas *produções de subjetividades* resultantes das demandas tecnológicas, da globalização e da sociedade da informação colaboram para fomentar a *expectativa de futuro* do jovem, pelas estruturas gestoras do futebol capturam essas demandas, uma vez que incorporam elementos burocráticos, mas também se transformam em veículos de comunicação dando forma aos projetos pessoais e grupais dos envolvidos. Do ponto de vista de ser o *esporte* uma *máquina de produção subjetividade*, a mídia, os treinadores, os empresários, os dirigentes e os agentes esportivos atuam como receptores e emissores de comunicação entre esporte e sociedade. Consequentemente são também, vendedores de expectativas incompatíveis com a realidade. Dito de outra maneira, o futebol pode ser considerado como elemento da indústria cultural ou “(...) *um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções (...)*” (Morin, 1990: p. 15). Ampliar essa afirmação para além da perspectiva objetiva do entendimento desse fenômeno, ou seja, não reduzir o *sonho de ser jogador de futebol profissional* à condição de uma construção natural do inscrito, requer considerar que o esporte pode ser uma máquina tecnológica “*de informação e de comunicação que opera no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das suas memórias, da sua inteligência, mas também de sua sensibilidade, dos seus afetos (...)*” (Guattari. 1992: p. 14).

O futebol está repleto de componentes significantes que possibilitam a criação de instâncias de impulso ao desejo pela carreira e, em suas contradições, instâncias de refluxo à formação–emancipação do envolvido. Talvez seja um exagero pensar que na formação do jogador de futebol profissional, enquanto movimento de relações sociais, deva conter elementos de *emancipação* (Boaventura de Souza Santos, 2000: p. 253-280) e de *singularização* (Félix Guattari, 1992: p. 14-21). Por outro lado, sendo a proposta de não positivar tal processo, cabe

ênfatizar que com a *esportivização* da atividade física, o futebol ganha um caráter auxiliar–pedagógico na formação dos envolvidos, o que equivale não desprezar o seu caráter formador. A *subjetividade* “na”, “da” e “pela” constituição do projeto de vida, em sua dimensão exclusivamente coletiva, contém indicativos importantes à compreensão do *sonho de ser jogador de futebol profissional* que o jovem agrega na busca pelo sucesso na carreira.

Com base em Félix Guattari (1992) e no conjunto de argumentos utilizados para elaboração deste artigo, observo que o futebol promove idealizações e trajetórias sociais, cujo resultado tem repercussão no projeto de vida do jovem, com reflexos de cunho econômico, político e sócio–cultural.

“(...). Desde criança eu já sabia o que queria (...). Comecei a disputar os campeonatos da cidade, infantil, mirim e aí entrei no São José Esporte Clube, dente de leite. Disputei dois anos pelo São José e fui ganhando experiência. Depois participei de uma excursão para o Paraguai, onde joguei contra o Olímpia e o Cerro Portenho. Fui continuando até voltar ao Esporte Clube Taubaté, no júnior, e disputei o campeonato paulista (...). Estourei a idade de amador e assinei procuração de cinco anos e estou aí (...), tentando dar certo e chegar em um time grande ou até a seleção brasileira (...). Faço qualquer negócio e deixo tudo pelo futebol (...).” (Harlei)

A questão da *interiorização da representação social do futebol* passa a ganhar sentido, enquanto manifestação de *subjetividade coletiva apositiva*, quando a busca pelo *sonho de ser jogador de futebol profissional* produz aspectos limitadores de participação social e leituras ilusórias do jogo em que o jovem toma parte.

“(...), acho que ser jogador profissional de futebol foi o grande sonho de minha vida (...).” (Vinicius)

“(...), eu nunca pensei em outra coisa a não ser jogar futebol (...). Eu tenho fé no meu potencial, eu creio no meu Deus, eu tenho consciência que vou ser jogador de futebol (...). Eu tenho certeza que vou chegar a um grande clube, a uma seleção brasileira, ganhar muitos títulos, ser conhecido e chegar até a ser votado melhor do mundo, assim!” (Harlei)

“(...), ainda sonho que estou jogando futebol. Tenho sonhos fazendo gols! Eu tenho sonhos de estar cobrando faltas. Eu tenho sonhos da época passada que jogava com o Viola, o Paulo Sérgio, que era de minha época, pois jogamos juntos (...), às vezes, nem conheço o jogador, mas sonho que estou jogando. Por isso,

falo que esse negócio está no sangue da gente, está na essência e eu já nasci com isso. Não tinha como fugir da profissão, então, (...) acho que está no sangue, desde criança, não tem jeito, não tem como correr. Hoje eu vejo e tenho dúvida: será que eu perdi tempo correndo atrás da bola?”. (Marcelo)

A representação social do futebol à juventude, ou até num sentido mais amplo à sociedade brasileira, expressa a *paixão nacional* e internaliza-se na memória e no imaginário da maioria dos jovens inscritos ou não no processo de formação do jogador de futebol profissional. É sensato afirmar que em torno do futebol manifesta-se um forte sistema de representações, enquanto cultura e um conjunto de significantes sociais. No contexto, deslocando a importância do mérito dessa afirmação, o futebol corrobora na constituição da *identidade coletiva e pessoal*¹⁹, promovendo, também, *identificações*, enquanto fenômeno de massa. O marketing esportivo, as tendências empresariais e a mídia são elementos tecnológicos de manutenção *do sonho de ser jogador de futebol profissional* e, mesmo diante do não alcance do objetivo almejado a pessoa permanece envolvida com o futebol.

“Era uma relação complicada desde que eu sai de casa. Desde de que eu sai de casa as dificuldades foram incontáveis, porque você imagina um garoto de 15/16 anos deixar seus pais, deixar seu ciclo de amigos, deixar a escola, deixar sua cidade para buscar uma coisa que ele não sabe se vai ter retorno, se ele vai conquistar ou não. Então, no Corinthians eu tive dificuldades, mas as dificuldades maiores vieram após a fase de amador. Quando você passa a ser profissional. Você consegue um contrato de 6 meses, por exemplo, e você junta aquele dinheirinho com esforço, economizando e depois você não consegue renovar esse contrato e aí o time quer te pagar menos. Aí, você não entra num acordo, você tenta procurar outra equipe, mas já que começou a competição você não consegue firmar contrato com nenhuma equipe e isso faz com que aquele dinheirinho que você juntou vá embora. Aí você tem que correr atrás de outro clube. (...), é muito inconstante. Você está um período trabalhando e outro não, um período você está num lugar e no outro período você vai para outro lugar, são outras coisas, outra cultura, outro tipo de gente. Então, você tem que se adaptar a uma série de coisas e é uma vida muito inconstante você não tem paradeiro, você não pode estudar. Na época eu tinha vontade de fazer faculdade, mas era muito difícil, porque tinha que conciliar a bola com os estudos, se havia faculdade na cidade, no caso, por exemplo, o problema era o tempo para estudar,

¹⁹ Sobre a questão da *identidade*, ver Stuart Hall (1997: p. 7–23). O autor faz uma análise das Identidades, a partir do final do século XX, indicando que há um *deslocamento* ou uma *descentração* do sujeito diante do surgimento de novas identidades e da fragmentação do indivíduo moderno. Essa discussão é importante para este trabalho, uma vez que possibilita o entendimento da influência da mídia sobre a formação dos jovens.

se eu ia ficar 6 meses então não tinha como começar um curso superior. (...) existiam muitas dificuldades”.

Na caminhada o jovem acredita que vai conquistar boa condição econômica e social, caso tenha o reconhecimento como grande jogador. Em síntese, é fazer aquilo que gosta e, ainda, ganhar muito dinheiro. Os depoimentos geram desdobramentos sobre as projeções em torno da carreira, ou seja, buscam sobrevivência, realização pessoal, respeito social, fama e proteção à família.

“Eu tinha mais prazer em jogar. (...). Os meus sonhos com o futebol era de jogar, porque me trazia satisfação em jogar bem, fazer gols. E, eu tinha a expectativa de ser um jogador conhecido, do tipo assim: ‘você saia na rua, aquele é o Marcelo!’ Eu tinha a expectativa de dar uma vida melhor para os meus pais, como todo jogador de futebol. Eu não tinha grandes expectativas de ser rico, ter milhões. A minha vontade maior era a satisfação própria de estar jogando e de poder dar um conforto para os meus pais mais tarde”. (Marcelo)

“O meu sonho é vencer na carreira (...), como jogador profissional e chegar até um clube de expressão como Corinthians (fala do S. C. Corinthians Paulista de São Paulo) e realmente realizar meu trabalho, ser determinado. Para mim, alcançar sucesso, fama e chegar até a seleção brasileira e ajudar os meus familiares e a mim mesmo”. (Harlei)

Em certo sentido, os jovens são levados a *sonhar* com o sucesso em face dos altos salários recebidos por alguns atletas e da projeção que alguns jogadores têm na mídia e na sociedade. É a idéia do reconhecimento e da fama.

“(...). Essa é a vida que eu quero ter, ser jogador bem remunerado, ter vida boa, conhecer praticamente o mundo inteiro em função do futebol, estar sempre na mídia, todo mundo falando. Acho que todo mundo quer uma vida assim e procura ter uma vida desse jeito. (...), eu acho que eu ia gostar dessa vida, mulheres, dinheiro. Também, nossa! Mulheres, dinheiro, carro, viagens, tudo”. (Vinicius)

Ainda na trajetória de explicar a busca pelo *sonho*, a realização pessoal via futebol profissional, incorpora os desejos dos jovens. A realização deste *sonho* se traduz em *sucesso* ou *decepções*. O futebol à juventude inscrita representa a possibilidade de *sucesso*, a alegria vital, o sentido da própria vida e a *satisfação* limita-se em fazer aquilo que gosta e do que lhe dá prazer. As frustrações e decepções passam pela necessidade do jovem deixa de jogar futebol como meio

de vida e se inserir em outros contextos sociais. Essas expectativas e projeções passam pelos mecanismos de sedução que a mídia utiliza em torno do evento e a *ilusão* caracteriza-se pela *capacidade que o futebol tem para absorver um número maior de sonhadores*. Hoje, não dá para conceber futebol-formação do jogador profissional sem a contribuição da mídia e dos agenciadores que fazem a comunicação entre esporte e sociedade.

Conclusão

Na discussão indico que o *processo de formação do jogador*, o modo *de organização* dos clubes, das federações, da legislação esportiva e os agenciadores que promovem uma modalidade de *violência* que se expressa ao jovem na busca pelo *sonho de ser jogador de futebol profissional*. Ao explicitar as contradições deste processo desencadeadas pela “modernização” do futebol no Brasil, aponto para a necessidade de revisar o conceito de *esporte-lazer, esporte-economia, esporte-política, esporte-mídia, esporte-marketing, esporte-mobilidade social* e, principalmente aplicado ao caso estudado, *esporte-formação do atleta de alto rendimento*.

As novas fórmulas de comunicação social percebidas na relação futebol e sociedade reforçam o *sonho* dos jovens em ser jogador profissional. A *violência* caracteriza-se por um complexo de códigos e símbolos difundidos pelos mecanismos de produção-transmissão de valores que seduzem o jovem em uma busca “cega” pelo *sonho* e embora não verbalizada ou explicitada diretamente, inscreve-se na memória e na vida cotidiana do envolvido, norteando sua trajetória em sociedade. Nessa busca, o jovem organiza seus projetos individuais/coletivos de vida que na maioria das vezes revelam –se como meras expectativas.

A ausência de percepção do jovem sobre a sedução que lhe faz a mídia, o mercado e o sucesso do trajeto para à realização do *sonho de ser jogador de futebol profissional* é a própria caracterização da violência, pois maravilhado com a perspectiva, constrói seus projetos de vida em cima de uma “mera” expectativa. O futebol, enquanto prática de alto rendimento e lucro, demarca a construção imaginária da juventude, estimulando um desejo inatingível e inviabiliza outras práticas de inserção tidas como indispensáveis à formação da pessoa. O que traduz-se no aumento do grau de dificuldade de inserção do jovem na sociedade. A luta que qualquer jovem trava para conquistar um lugar na sociedade é complexa. A violência como forma de manifestação de *subjetividade* aplica-se também para qualquer outra carreira, porém a

diferença, em relevância, é que no futebol o jovem “fala pelo corpo” e poucos enxergam os efeitos de tudo isso, ou seja, envolvido com as características sedutoras da mídia e em contato com movimentos corporais prazerosos, o jovem não visualiza outras possibilidades sócio–culturais no momento da busca pelo *sonho*.

Dito de outra maneira, o futebol profissional como produtor de *subjetividade coletiva*, a partir das tendências da tecnologia, do mercado e da comunicação social, promove a valorização do individualismo, cria expectativas particulares, esvazia a possibilidade do esporte atuar como mecanismo de formação coletiva e minimiza visões críticas do processo, não revelando as várias faces do jogo. Entendo que seria ingenuidade pensar que na busca pelo atleta de alto rendimento existem preocupações com a formação sócio–cultural e político do inscrito.

Ao encaminhar a discussão sobre subjetividade, tento a partir de Félix Guattari (1992), explicitar as tensões indivíduo/coletivo e a forma de identificação que o indivíduo tem com os símbolos e códigos produzidos em instâncias externas, determinadas aqui pelas novas formas organizativas do esporte, das intenções da mídia e dos agentes que a cercam. Explicito também que o jovem, na interiorização desses símbolos e códigos, incorpora o *sonho de ser jogador de futebol profissional* e segue na busca deste. É o *sonho de ser jogador de futebol profissional* que move o sentido de vida e essa trajetória é maior ou diferente que a realidade. Talvez valha a pena pensar que o futebol é um produtor de *subjetividade* que alimentado por elementos externos (midiático, mercado, relação de poder, super valorização do esporte, por exemplo) torna-se significativo e atraente aos jovens. Em outros termos, o futebol, capturado pela mídia, é máquina tecnológica de informação e de comunicação que opera no núcleo da *subjetividade* da juventude, não apenas no seio de sua memória, de sua inteligência, mas também de sua sensibilidade e afetos.

Acredito que ao inverter a idealização positiva de que o futebol é um canal de *mobilidade, acesso social e saúde* para todos, e ao dar “voz” à imensa maioria que não realizou o *sonho* ou o *sucesso*, aponto para a existência de uma *violência* de pouca visibilidade. Esse é o indicativo do texto, ou seja, explorar as contradições existentes no processo de formação do jogador profissional. Talvez seja prematuro afirmar que a *violência* pela não realização do *sonho de ser jogador de futebol profissional* possa traduzir-se em comportamentos “desestruturantes”. No futuro, seria interessante observar os efeitos desse tipo de *fracasso*. Lá, sim, poderá obter-se respostas mais precisas sobre o efeito social da *frustração* experimentada pelos jovens que se

habilitaram participar de um *sonho*. Por fim, os apontamentos deste artigo demonstram que a trajetória pretendida pelos jovens é desproporcional as possibilidades concretas do jogo.

Bibliografia

BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte (1978). “O que é uma instituição social?”, in: M. M. Foracchi; J. S. Martins (orgs.). *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

_____. “Socialização: como ser um membro da sociedade”, in: M. M. Foracchi; J. S. Martins (orgs.). *Sociologia e Sociedade: leituras de introdução à sociologia*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.

BOURDIEU, Pierre (1997). *Sobre a Televisão*. Tradução de Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

COSTA, Márcia Regina et al (1999). *Futebol, Espetáculo do Século*. São Paulo: Musa.

ELIAS, Nibert (1990). *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Vol. 1. Tradução de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

GONZÁLEZ, Javier Duran; FERRANDO, Manuel Garcia; RODRÍGUEZ, Margarita Latiesa (1998). “El Deporte Mediático y la Mercantilización del Deporte: la dialéctica del deporte de alto nível”. In: *Sociología del Deporte*. Madrid, Alianza Editorial.

GUATTARI, Félix (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético* (Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão). São Paulo, Ed. 34.

HALL, Stuart (1997). *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora.

HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (1997). *A invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

MORIN, Edgar (1986). *Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Universitária.

PIMENTA, Carlos Alberto Máximo (1997). *Torcidas Organizadas de Futebol: Violência e auto-afirmação, aspectos da construção das novas relações sociais*. Taubaté: Vogal.

_____. (2001). *O Processo de Formação do Jogador de Futebol no Brasil, Sonhos, Ilusões, Frustrações e Violências*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

PIRES, Gustavo (1995). "Mudança Social e Gestão no Desporto". In: *Ludes: Ciências do Desporto*. Lisboa: faculdade de Motricidade Humana, vol. 15, nº 4, p. 39-71.

RABELO, Aldo e TORRES, Sílvio. CBF-NIKE. São Paulo: Casa Amarela, 2001.

SANTOS, Boaventura Souza (2000). *Pela Mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez.